

# Escola e convívio social

Ligia Costa Leite<sup>1</sup>

Maria Esther Delgado Leite<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria.

*1. Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ, Professora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.*

*2. Mestre em Ciências da Saúde pelo IPUB/UFRJ, psicóloga do CARIM.*

O espaço escolar, bem mais do que o lugar do aprendizado formal, serve como primeiro cenário extrafamiliar para a expressão da criança no cotidiano em toda a sua amplitude – corporal, simbólica, subjetiva. Ao mesmo tempo, ela permite o confronto com modos diversos de disciplina, que irão ajudar na construção dos valores morais e sociais. A tarefa específica da escola, ou seja, a escolaridade, muitas vezes acaba relegada a segundo plano, já que cada vez mais torna-se a instituição mais importante, depois da família.

A educação infantil prevê metodologias de ensino para crianças que, por volta de um ano de idade, iniciam a carreira escolar. O domínio da marcha, o controle dos esfínteres, o reconhecimento do outro como diferente de si e principalmente o uso da linguagem oral são requisitos que costumam habilitar uma criança para o ingresso no chamado ensino regular. Na rede pública de ensino, aqueles alunos que apresentem deficiências físicas, visuais, auditivas ou mentais, são incluídos em modalidades de educação especial. Já os que apresentam transtornos psíquicos mais graves entram nas classes das *condutas típicas*, que mesmo contempladas com programas específicos, ainda representam um grande desafio às metodologias vigentes. Restam ainda as crianças que não se

encaixam nos grupos acima e fazem parte da nossa clientela.

Augusto aos oito anos de idade frequentava uma escola cuja equipe não sabia como lidar com ele. Não conseguia permanecer em sala de aula, mas gostava de ir à escola e perambular pela mesma, conhecendo vários profissionais e oferecendo-se para ajudá-los em suas tarefas. Na maioria das vezes não era bem recebido, pois não ficava no lugar que lhe era designado, como aluno. O procedimento adotado pela escola, para seu caso, foi trancar todos os locais por onde ele costumava circular, impedindo não só a sua movimentação, mas também a de todos aqueles dos diversos setores da instituição. Após isso, Augusto passou a ficar agressivo, não querendo voltar à escola ou tentando fugir da mesma sempre que era obrigado a comparecer. Nesse momento, foi encaminhado ao CARIM.

Geraldo, depois de frequentar diversas escolas com algumas interrupções, foi encaminhado a uma escola-clínica, destinada ao *Desenvolvimento da Personalidade Socioinfantil*, por determinação do Conselho Tutelar. Ele tinha 11 anos e foi matriculado na segunda série. Como nas anteriores, Geraldo não conseguiu se adaptar a essa escola que atendia crianças com problemas de retardo mental, síndrome de Down, entre outras patologias. Ele não estabeleceu

nenhuma empatia com a professora, chegando a agredi-la fisicamente. Muitas vezes teve que ser contido, por seu comportamento desafiante. Não conseguia ficar muito tempo na sala de aula. Só se inseria em tarefas que não eram do ensino formal, como aulas de culinária. Seu comportamento de provocar brigas fazia com que os colegas não o aceitassem. Aos 15 anos, chega ao CARIM. Estava fora da escola formal e de outros cursos quaisquer.

Wilson tinha 17 anos quando chegou ao serviço, teve uma história marcada por impossibilidades. Desde os oito anos fugia de casa e aos 13 foi, de vez, para as ruas, tornou-se viciado em cocaína, acabou envolvido com o tráfico de drogas, até ser preso e encaminhado, por decisão judicial, para tratamento de sua dependência química. Ele costumava dizer que tinha dificuldade de se lembrar das coisas, tinha memória fraca e por isto não conseguia aprender a ler e escrever. Mesmo tendo conseguido sobreviver, ter algum sucesso e reconhecimento no mundo das drogas e das ruas, ele era analfabeto e estava fora da escola.

Onde a palavra que orienta falta, o corpo exhibe alguma manifestação e a comunicação se desloca do canal socialmente privilegiado. Reagir com diminuição de movimento não costuma assustar ao interlocutor, já quando há excesso de atividade geral-

mente suscita medo e providências de contenção imediata. Na história de Augusto verificamos uma configuração familiar sem rede de comunicação permanente entre si, gerando, por parte dele, reações de fugir, de se ausentar do contato, para reaparecer em locais que, na sua história familiar, trouxessem memórias e sentidos, os quais falavam sobre os temas carentes de elo. Se aprendemos em casa e levamos para a escola a matriz de possibilidades para o conviver, será que Augusto não comunicava, à sua maneira, o desejo de estabelecer vínculos?

Geraldo passou por mais de 10 escolas nos seus 15 anos, nunca conseguia prosseguir seus estudos. De tudo foi tentado, como a aprovação automática, mas ele não evoluía a contento para o sistema escolar. Acabava pulando de escola em escola, sem encontrar seu lugar, o que de alguma maneira reproduzia uma configuração familiar esgarçada, sem pontos de sustentação.

Wilson teve todas as dificuldades de se adaptar ao mundo escolar e se alfabetizar, apesar de conseguir um lugar na delinquência, onde era respeitado e causava medo. Mas, as professoras sempre tentavam diagnosticar nele alguma deficiência cognitiva, que não aparecia na vida das ruas ou em situações que despertassem sua motivação.

De modo geral, as escolas cum-

prem a função de ensinar as habilidades para a construção da leitura, da escrita e das quatro operações matemáticas, no período do Ensino Fundamental ou no Programa de Educação Especial, até o jovem completar 18 anos de idade.

No entanto, nem todos os alunos que “fracassaram” no ensino elementar, enquadram-se no perfil da educação especial, nem conseguem se adaptar às regras e à disciplina que são tidas como “normais” em uma escola. Eles, portanto, não são nem “especiais”, nem “normais”, sendo difícil classificá-los em um padrão. A escola não é preparada para eles. Enquanto são crianças, algumas tentativas são realizadas no sentido de corrigir o comportamento desse aluno, mas, em geral, quando chegam aos 12 anos, tornam-se insubordinados. Ficam totalmente desinteressados pelas aulas, acabam se juntando em um “grupo da desordem”, o qual dificilmente pode ser desarticulado por métodos conhecidos.

Diante de um problema tão complexo e de difícil solução, acrescido de uma maior desenvoltura física quando chegam à adolescência, os profissionais entendem que o único jeito é convidá-lo a se retirar da escola ou, como a expulsão escolar é proibida por lei, a convencer aos responsáveis que ele deveria ser matriculado em outra escola, cujo perfil de alunos seja mais adaptado ao seu.

São meninos e meninas como esses que chegam para atendimento no CARIM e chegam carregando, como marcas, os rótulos que receberam nesse percurso. Ao mesmo tempo, trazem consigo o dilema entre querer ser escolarizado e a impotência em alcançar esse desejo. É importante assinalar que a escola é um símbolo de reconhecimento social muito forte para este grupo social, uma das poucas possibilidades de ascensão social, a que todos querem ter acesso.

Mas a escola está engessada em tantas regras, ficando impossível perceber a singularidade de cada um dos seus alunos e construir estratégias de ação para motivá-los à aprendizagem.

O ensino escolar não pode ser uma aquisição mecânica de códigos e técnicas que traduzem uma linguagem oral em escrita, mas precisa ser uma estrutura de relações que possibilitem a compreensão, sob forma escrita, daquilo que se expressa de forma oral no cotidiano. Pode-se afirmar que uma pessoa é alfabetizada quando, ao ler alguma coisa, compreende, interpreta, correlaciona, sintetiza e transfere a mensagem lida para outras situações de sua vida.

De modo geral, a clientela do CARIM, ainda na infância, costuma

apresentar lacunas justamente na expressão verbal, o que compromete a escolarização e a socialização. Por isto, a parceria entre os CAPS e a escola é fundamental, na medida em que os dois espaços são essenciais para ampliar a construção de vínculos e o convívio social. Enfrentar juntos o desafio de assistir e tratar, no nosso caso, e de ensinar, no da escola, as crianças e os adolescentes que desordenadamente se comunicam com o outro, é base primordial para o cuidado e reabilitação psicossocial dessa clientela.

### ***Para saber mais***

Leite, L. C.- A magia dos invencíveis: meninos de rua e a Escola Tia Ciata, Vozes, Petrópolis, 1991.

\_\_\_\_\_ Meninos de rua: a infância excluída no Brasil, Atual/Sarai-va, São Paulo, 2009.

Leite, Maria Esther Delgado - A medida de cada um: uma relação possível entre o processo de aprendizagem. Dissertação de mestrado, IPUB/UFRJ, 1998. Trabalho não publicado.

Leite, L.C., Leite, M.E.D., e Botelho, A.P. (orgs.) - Juventude, desafiliação e violência. Contra Capa/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2008.